

# Anton Bruckner

## Sinfonia Nº 7

ARR. LUÍS CARVALHO

CAMERATA NOV'ARTE

DIR. LUÍS CARVALHO

### PROGRAMA

**I – ALLEGRO MODERATO**

**II – ADAGIO**

**III – SCHERZO: SEHR SCHNELL**  
[MUITO RÁPIDO]

**IV – FINALE: BEWEGT,  
DOCH NICHT SCHNELL**  
[MOVIMENTADO, MAS NÃO  
MUITO RÁPIDO]

### DURAÇÃO

65 MIN.

### INSTRUMENTISTAS

SARA SILVA [FLAUTA]

TIAGO COIMBRA [OBOÉ]

RICARDO ALVES [CLARINETE]

MARIA CASTRO [FAGOTE]

LUÍS SOUSA [TROMPA]

LUÍS GRANJO [TROMPETE]

PEDRO SILVA [TROMBONE]

RICARDO ANTÃO [EUFÓNIO]

FRANCISCO MARTINS [ACORDEÃO]

ANDRÉ DIAS [TÍMPANOS]

HELOÍSA RIBEIRO [VIOLINO I]

ANA MADALENA RIBEIRO [VIOLINO II]

LUÍS NORBERTO SILVA [VIOLA]

TIAGO ANJINHO [VIOLONCELO]

DANIEL AIRES [CONTRABAIXO]

# Anton Bruckner

## Sinfonia Nº 7

TRANSCRIÇÃO PARA ENSEMBLE  
DE LUÍS CARVALHO

CAMERATA NOV'ARTE

DIR. LUÍS CARVALHO



### LUÍS CARVALHO

Maestro, compositor e clarinetista, Luís Carvalho é doutorado em Música, tendo sido galardoado com diversos prémios e outras distinções. Dirige regularmente orquestras nacionais e estrangeiras, num repertório vasto e eclético que se estende do barroco à contemporaneidade, incluindo várias estreias absolutas. É fundador e diretor artístico/musical da

Camerata Nov'Arte. As suas composições, a maioria das quais resulta de encomendas por importantes instituições, são apresentadas um pouco por todo o mundo por solistas e agrupamentos de craveira. Participa em cerca de uma vintena de produções discográficas, quer como clarinetista, maestro ou compositor. É docente da Universidade de Aveiro.

APOIOS



PARCEIRO INSTITUCIONAL



COFINANCIAMENTO



04 FEVEREIRO 2022  
SEXTA-FEIRA 21H30  
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO  
DO ROMÂNICO  
LOUSADA

## Anton Bruckner Sinfonia Nº 7 em Mi Maior [1883; rev. 1885]

NOVA VERSÃO PARA ENSEMBLE  
POR LUÍS CARVALHO [2019]

### CAMERATA NOV'ARTE

Propondo-se como uma estrutura leve e flexível, a Camerata Nov'Arte insere-se numa filosofia de formação de geometria variável. Sob a direção artística e musical de Luís Carvalho, seu fundador, tem desenvolvido projetos artísticos inovadores, nomeadamente cruzamentos disciplinares e programas temáticos diferenciados como «Romantismo à lupa», «Impressionismo à lupa» ou «Classicismo, Neoclassicismo, Revivalismo», sempre numa perspectiva de aliar tradição e modernidade, dando igualmente lugar de destaque à nova música. Sediada no Porto, a Camerata Nov'Arte estreou-se em 2011 e desde então tem-se apresentado em prestigiados festivais e salas de dimensão nacional e internacional.

Anton Bruckner (Linz, 1824 – Viena, 1896), compositor austríaco dos mais importantes do período romântico, ficou famoso principalmente pelas colossais sinfonias e extensa música sacra que escreveu. Se esta última surge como resposta à sua profunda devoção religiosa, as sinfonias tornaram-se marcos incontornáveis do grande sinfonismo tardo-romântico germânico. Nestas, o compositor alargou o conceito estrutural da forma, inovou ao nível do plano tonal, e deu relevo ao contraponto como meio preferencial da textura polifónica. A sua influência é notória, nomeadamente na geração seguinte, em Gustav Mahler (1860-1911) e na conceção das suas próprias, também monumentais, sinfonias.

Das 11 sinfonias que Bruckner escreveu (nove numeradas, com a última incompleta, mais duas preliminares, ou "sinfonias-estudo"), as mais frequentes na sala de concerto atualmente são a *Quarta*, a *Sétima* e a *Nona*. A *Sétima*, composta entre 1881 e 1883, foi um dos maiores triunfos da vida do compositor, aquando da sua estreia em Leipzig (Alemanha), a 30 de dezembro de 1884. Escrita num período em que chegavam as notícias da doença final e ul-



terior morte de Richard Wagner (1813-1883, por quem Bruckner nutria grande admiração, tendo-lhe mesmo dedicado a sua Sinfonia Nº 3), no andamento lento da *Sétima* (Adagio), Bruckner introduz um quarteto de tubas wagnerianas em homenagem ao grande mestre da ópera alemã.

Apesar da grandiosidade da forma e do conceito orquestral, a suprema organização do pensamento criativo nas sinfonias brucknerianas torna-as perfeitamente aptas ao que se chama "redução instrumental". Schoenberg (1874-1951) foi o primeiro a perceber isto, não só em relação à música de Bruckner, como também de Mahler e Debussy (1862-1918), entre outros. Especificamente para a Sinfonia Nº 7 de Bruckner, Schoenberg encarregou os seus alunos Hanns Eisler (1898-1962), Erwin Stein (1885-1958) e Karl Rankl (1898-1968), para prepararem uma redução instrumental da sinfonia, concebida na altura para um ensemble instrumental de dimensão muito modesta, constituído apenas por dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, clarinete, trompa, piano a quatro mãos e harmónio. Pensado, como tantos outros arranjos, para a *Sociedade*

*Privada de Concertos* (*Verein für musikalische Privataufführungen*), que Schoenberg fundou em Viena na década de 1920, não chegou a ser executado naquela época, tendo apenas estreado 60 anos depois.

Inspirado pelo conceito de Schoenberg, Luís Carvalho realizou em 2018-2019 uma nova versão para ensemble da *Sétima*. O efetivo de cerca de 15 instrumentistas, ao contrário da versão "schoenberguiana", tenta simular uma orquestra em miniatura, ao incluir todos os principais naipes da orquestra sinfónica tipicamente bruckneriana. Assim, procurou-se uma versão instrumental mais compacta da obra, mas, ao mesmo tempo, tentando manter alguma da imponência original. Em paralelo, busca-se um certo refrescar tímbrico pela inclusão de instrumentos menos usuais como o eufónio, o fliscorne e o acordeão (que pode ser substituído por um harmónio, uma opção mais próxima dos arranjos schoenberguianos).

A perspectiva é, sempre, que a fruição musical do ouvinte seja igualmente recompensadora quando comparada com o original. Afinal, a música continua a ser do melhor que o romantismo produziu!